

# Sumário



## Artigos e Comentários

---

- 11 A sobriedade de ambições do presidente Hollande**  
Marcos Castrioto de Azambuja

Várias observações podem ser feitas sobre a recente eleição que consagrou François Hollande como presidente da França: em primeiro lugar, o "Gaullismo" já é hoje apenas parte da história, e Jacques Chirac terá sido o último mandatário que cresceu à sombra do general; o Partido Comunista representa apenas uma fração de sua antiga presença e não se observa mais, com a mesma clareza, a antiga clivagem entre esquerda e direita. As causas que hoje de fato mobilizam a França parecem ser o conjunto de problemas relacionados com a imigração e com a preservação da identidade nacional; as exigências com a proteção de uma sociedade que continuará a ter na agricultura e no campo uma de suas principais bases; as questões relacionadas com a seguridade social e a proteção de direitos adquiridos e consolidados ao longo das últimas décadas. Hollande irá proteger o agronegócio de seu país da competição brasileira, apoiar as muitas empresas francesas aqui implantadas, trabalhar para que finalmente o Brasil se decida a comprar aviões de caça e outro equipamento militar avançado de fornecedores franceses, além de abençoar o intercâmbio cultural e artístico que é tão intenso e tão espontâneo entre nós e os franceses.

- 17 Eleições na Rússia: mudança no regime político pós-soviético**  
Lenina Pomeranz

O curso assumido pela campanha eleitoral nas últimas eleições parlamentares e presidenciais na Rússia permite considerá-las um ponto de mudança no regime político da Rússia pós-soviética. Desde a perestroika, ainda durante o regime soviético, não tinha havido tais manifestações e desejo de influenciar os acontecimentos políticos e de poder. Ao mesmo tempo, e ao contrário da perestroika, a liderança política parece em condições de reagir positivamente a estas manifestações, introduzindo reformas políticas, mesmo com alguma relutância, e tomando medidas para descentralizar o governo. Supõe-se que essa mudança se deva ao desenvolvimento da economia pós-soviética e ao surgimento de importantes estratos médios da sociedade, bem como a consolidação do novo sistema, embora por diferentes líderes e métodos de governança.

**31** **Perspectivas mexicanas. Eleições presidenciais. O futuro visita o passado?**

Sergio Abreu e Lima Florencio

As eleições presidenciais do México em 1º de julho de 2012 podem ser um "turning point" na história política do país. Por 71 anos consecutivos, todos os presidentes pertenceram ao Partido Revolucionário Institucional (PRI), um monopólio que terminou em 2000 com a vitória do Partido da Ação Nacional (PAN), de centro-direita, repetida em 2006. Com dois presidentes fracos, impopulares e um candidato sem um perfil nacional, o PAN é um rival frágil para o PRI. O mesmo se aplica para o esquerdista Partido da Revolução Democrática (PRD), cujo radicalismo é temido pelas classes médias, empresários e elite conservadora. Seu líder carismático – López Obrador – está moderando o seu estilo e ampliando apoio entre as classes médias, mas ainda está distante do candidato do PRI. Se tal cenário de liderança do PRI prevalecer, a democracia mexicana vai sofrer um grande revés. A alternância de partidos políticos na Presidência vai ter durado apenas 12 anos e a hegemonia histórica do PRI estará de volta. Seguindo a tradição cultural mexicana, o futuro se constrói com um olhar para o passado.

**41** **As eleições presidenciais venezuelanas: cenários domésticos e internacionais**

Rafael Duarte Villa

O artigo analisa os cenários que podem advir das eleições presidenciais na Venezuela em 7 de outubro próximo. Novos fatos, como a doença do presidente Hugo Chávez, as possibilidades de um chavismo sem Chávez e uma eventual vitória da oposição, terão implicações para a política doméstica e internacional da Venezuela, qualquer que seja o cenário. Do ponto de vista da política externa, o autor argumenta que, em caso de vitória de Chávez, não haveria grandes mudanças nas principais linhas do relacionamento do país com o exterior. Mesmo que Chávez seja eventualmente substituído por outro candidato chavista, as mudanças na política externa seriam de baixa intensidade. Se a oposição vencer, tais mudanças acontecerão, mas nada em profundidade mudará. Em algumas áreas, haverá leves mudanças.

**57** **Eleições americanas desafiam prognósticos**

Paulo Sotero

A mais importante eleição presidencial em três gerações, por seu potencial de definir rumos num país politicamente travado por uma crise política, econômica e social que faz encolher a classe média e alimenta uma forte percepção de declínio dos Estados Unidos num mundo em transformação, o pleito de 6 de novembro próximo desafia prognósticos. Com toda probabilidade, ele será decidido por uma apertada margem ao final de uma duríssima campanha que acentuará a tendência vigente à divisão dos americanos e dificultará a tarefa dos candidatos de ganhar os votos dos eleitores independentes, que decidirão a disputa, e reivindicar um claro mandato das urnas.

**63** **Da Primavera Árabe à Primavera Islâmica? Ou como construir uma democracia sem democratas**

Abdelwahab Hiba Hechiche

Foram muitos os líderes ocidentais que reagiram com simpatia e grande boa vontade e se prontificaram a ajudar a nova marcha pela democracia no Magreb e no Oriente Médio. Segundo o autor, "é hora de reconhecer que o paradigma da transição perdeu sua utilidade... A suposição quase automática por parte dos promotores da democracia durante o auge da terceira onda, de que qualquer país que se afastasse da ditadura estaria numa 'transição para a democracia' muitas vezes mostrou ser

imprecisa e enganosa. Alguns desses países nunca chegaram a se democratizar. Muitos deles assumiram características democráticas superficiais, embora deem poucos sinais de terem ido além delas, e certamente não vêm seguindo um roteiro democrático previsível”.

- 85 Islã e cidadania**  
Marcelo A. Boisard

O artigo é sobre os cristãos no Oriente Médio. O cristianismo está profundamente ancorado no Oriente Médio. Atualmente, podemos considerar cerca de dois grupos distintos a partir do ponto de vista geográfico. Em primeiro lugar, os coptas ortodoxos do Egito, que foram separados da Igreja universal no meio do quinto século. A outra região é o Levante geográfico, especialmente no Líbano e na Síria, onde os cristãos estão divididos em muitas comunidades nascidas de debate teológico e confronto entre Roma e Bizâncio. As designações principais são maronita e melquita, os membros das Igrejas orientais católicas, e os ortodoxos gregos. Com exceção dos ortodoxos armênios, os cristãos no Oriente Médio são os descendentes do povo originalmente instalados nesta região antes do advento do Islã. Todos eles compartilham um fervor religioso notável.

#### Comentário

- 91 A experiência constitucional brasileira na transição árabe**  
Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari

Após a grande mobilização popular que marcou a Primavera Árabe, o processo de transformação política na região envolve uma revisão da ordem legal e constitucional em diversos países, especialmente Tunísia e Egito, para os quais experiências como a do Brasil podem contribuir de modo significativo.

- 95 Ciência pela diplomacia e diplomacia pela ciência**  
Michael T. Clegg  
Donald Bren

A Academia de Ciências dos EUA promoveu recentemente um seminário para explorar as muitas facetas da política científica global e para examinar as implicações do termo diplomacia científica. Este artigo reflete sobre as interações entre ciência e diplomacia no mundo contemporâneo. Por que uma comunidade científica global saudável e conectada é essencial para lidar com os desafios que surgem no início do século XXI? Os autores fazem uma breve reflexão sobre o declínio gradual da hegemonia norte-americana nas ciências, seguida de um levantamento das principais instituições científicas internacionais. E perguntam como a diplomacia pode facilitar a ciência internacional e como a ciência pode servir aos objetivos da diplomacia.

- 107 Os territórios “não governados” na agenda de segurança dos Estados Unidos. Afirmção da ordem mundial estadocêntrica?**  
Luis Fernando Ayerbe

A Orientação da Estratégia de Defesa apresentada pelo Pentágono em janeiro de 2012 busca responder a desafios “que requerem forças militares fortes, ágeis e capazes”. Fazendo menção ao aprendizado das guerras no Afeganistão e no Iraque, o documento estabelece que “as forças dos EUA deixarão de ser dimensionadas para conduzir operações de estabilidade prolongada em larga escala”. O novo enfoque pauta-se pela preocupação com o “monitoramento das atividades de ameaças não estatais ao redor do mundo, trabalhando com aliados e parceiros para estabelecer o controle sobre territórios não governados, e atacando diretamente os grupos e indivíduos mais perigosos quando necessário”. A referência no

documento aos “territórios não governados” vai ao encontro de uma preocupação que ganha espaço na agenda de segurança, ampliando o significado e a abrangência da falência de Estados em termos do favorecimento da atuação do crime organizado, do terrorismo e de movimentos sociais e políticos antagonistas com a política externa estadunidense.

**115 As Américas e suas Cúpulas:  
rumo comum, velocidade  
adequada**

Alberto Pfeifer

A VI Cúpula das Américas de 2012 foi vista por alguns observadores como um fracasso e por outros como um passo à frente. Nenhuma declaração final foi emitida porque não houve consenso em relação às questões que antes não faziam parte da agenda: a inclusão de Cuba e uma reavaliação das políticas sobre drogas e narcotráfico. A questão das Ilhas Malvinas também dividiu os países. A Cúpula abriu caminho para o presidente colombiano, Juan Manuel Santos, exibir a capacidade de seu país para lidar com uma conferência complexa e para elevar-se como um líder regional. O presidente Obama reconheceu deficiências no engajamento dos EUA na região e mostrou-se disposto a cooperar. Cúpulas são úteis porque estimulam o diálogo e a reflexão conjunta. A integração profunda pode não ser possível num futuro próximo nas Américas, mas o processo liderado pela OEA é melhor do que nenhum processo. Além disso, de 1994 a 2012 as cúpulas geraram agendas que deram origem a políticas concretas, como a Carta Democrática Interamericana.

**123 A América Latina na comunidade  
global: é hora de agir**

Joseph S. Tulchin

Este é o momento de as nações da América Latina afirmarem seu papel nas questões mundiais, sustenta o autor. O momento presente é único devido à relativa ausência de limitações à atuação de qualquer participante do sistema internacional, ao mesmo tempo em que a globalização abre acesso à informação a uma gama mais ampla de atores capazes de atuar neste ambiente global menos restrito. “Não há uma única potência dominante que determine as regras do jogo, e tampouco um pequeno conjunto de potências dominantes, quer competindo entre si ou agindo de comum acordo, que explicitamente se arroguem o direito de ditar as regras de engajamento”.

**131 O voto do Brasil e a condição  
de membro eletivo no Conselho  
de Segurança das Nações Unidas**

Eduardo Uziel

O autor escreve sobre o processo de tomada de decisão no Conselho de Segurança da ONU, baseado na interação entre membros permanentes e eletivos. Estes contribuem ativamente para as decisões, embora os membros permanentes definam os limites das negociações. A análise quantitativa do voto brasileiro em mais de dez mandatos evidencia o uso de abstenções para demonstrar discordância. A análise qualitativa de quatro casos específicos (Haiti, Sudão, Comissão de Construção da Paz e Irã) destaca as estratégias disponíveis para um membro eleito, como o Brasil, influenciar decisões. Como conclusão, o autor diz que parece haver uma busca de autonomia por parte do Brasil, ao mesmo tempo em que o país se esforça para ser cooperativo e para fortalecer o Conselho de Segurança, mesmo quando uma decisão não lhe agrade inteiramente. O Brasil contribui com o CSNU em matéria de paz e segurança internacional.

## Passagens

---

- 163** Carlos Fuentes (1928-2012),  
intelectual empenhado na  
solução dos problemas de  
seu tempo  
Francisco Pinto Balsemão

## O mundo na ficção

---

- 165** Habemus papam  
Nanni Moretti (filme)  
Boris Fausto

## Livros

---

- 169** Strategic Vision: America and the  
Crisis of Global Power  
*Zbigniew Brzezinski*  
Hélio Franchini Neto
- 175** O talento para liderar  
*Joseph S. Nye Jr.*  
Maria Helena Tachinardi

## Documentos

---

- 179** O significado da Rio-92 e os  
desafios da Rio+20. Discurso  
proferido no recebimento do  
título de doutor *honoris causa*  
da Universidade Lyon 3 –  
Jean Moulin  
Celso Lafer  
Lyon, 4 de abril de 2012